
DINÂMICA RECENTE DO COMPLEXO SOJA-CARNE BRASIL- CHINA NO CONTEXTO DO CONE SUL

DINÁMICA RECIENTE DEL COMPLEJO SOJA-CARNE BRASIL- CHINA EN EL CONTEXTO DEL CONO SUR

Fabiano Escher

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Departamento de
Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
escher_fab@hotmail.com

Valdemar João Wesz Junior

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto
Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política, Foz do Iguaçu, PR, Brasil
valdemar.junior@unila.edu.br

Resumo

O ressurgimento da China como grande potência comercial, financeira, tecnológica e geopolítica no início do século XXI tem impactado fortemente o Cone Sul (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai). O objetivo desse artigo é traçar uma avaliação sintética dos resultados e perspectivas das relações agroalimentares entre Brasil e China no contexto do Cone Sul, aprofundando na atuação da COFCO no mercado de soja na região. Para tanto, é realizada uma revisão na literatura internacional especializada e em estatísticas oficiais da China, Brasil, Paraguai, Uruguai e Estados Unidos. Os resultados apontam que a China tem construído e mantido estratégias assertivas, mas flexíveis, para aumentar o controle “direto” do complexo soja a partir dos principais territórios produtores, como o Brasil e os demais países do Cone Sul. COFCO, uma empresa estatal chinesa, é o principal exemplo nesta direção, que expandiu e conquistou de maneira extremamente rápida importantes posições na região, consolidando-se entre os principais exportadores agroalimentares, sobretudo no mercado da soja.

Palavras-chave: Mercado agroalimentar. Produção e exportação de soja. COFCO.

Resumen

El resurgimiento de China como gran potencia comercial, financiera, tecnológica y geopolítica en el inicio del siglo XXI tiene un fuerte impacto en el Cono Sur (Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay). El objetivo de este artículo es hacer una evaluación sintética de los resultados y perspectivas de las relaciones agroalimentarias entre Brasil y China en el contexto del Cono Sur, profundizando en el desempeño de COFCO en el mercado de la soja en la región. Para ello, se realiza una revisión en la literatura internacional especializada y en estadísticas oficiales de China, Brasil, Paraguay, Uruguay y Estados Unidos. Los resultados indican que China ha construido y mantenido estrategias asertivas pero flexibles para incrementar el control “directo” del

complejo sojero desde los principales territorios productores, como Brasil y los demás países del Cono Sur. COFCO, empresa estatal china, es el principal ejemplo en esta dirección, que rápidamente se ha expandido y conquistado posiciones importantes en la región, consolidando su posición entre los principales exportadores agroalimentarios, especialmente en el mercado de la soja.

Palabras claves: Mercado agroalimentario. Producción y exportación de soja. COFCO.

Introdução

O ressurgimento da China como grande potência comercial, financeira, tecnológica e geopolítica demonstra ser o acontecimento decisivo do início do século XXI. Na América do Sul, a ascensão e declínio dos governos de centro-esquerda da “maré rosa” esteve intimamente relacionada ao *boom* das *commodities*, impulsionado principalmente pela demanda chinesa por recursos energéticos, minerais e agroalimentares e o efeito altista sobre seus preços. As exportações primárias para a China permitiram o crescimento econômico e as políticas socio-distributivas na região desde meados dos anos 2000, contrariando, em certa medida, o processo de neoliberalização vigente desde os anos 1990. No entanto, com a queda nos preços das *commodities* a partir de 2012, seguindo a desaceleração das taxas de crescimento chinesas, as taxas de crescimento da América do Sul também caíram, encolhendo junto o espaço fiscal de seus governos para continuarem a fazer as políticas progressistas que sustentaram seu sucesso até então (ELLNER, 2019; KAY; VERGARA-CAMUS, 2017).

Uma brevíssima revisão da literatura é suficiente para captar o sentido dos processos subjacentes a tal fenômeno. Escher e Wilkinson (2019) documentam e analisam o surgimento interdependente do “complexo soja-carne Brasil-China”, que representa uma mudança policêntrica nas relações agroalimentares globais em direção Sul-Oriente, desafiando o poder corporativo do Atlântico Norte. Oliveira (2017) esclarece por que a maioria das firmas chinesas que tentaram comprar terras para cultivo direto e anunciaram prematuramente investimentos *greenfield* de grande escala no Brasil falharam, enquanto outras empresas que realizaram fusões e aquisições de firmas com operações regionais bem estabelecidas tiveram sucesso. Wilkinson, Wesz Jr. e Lopane (2016) explicam que devido à enorme escala de sua demanda por alimentos e matérias-primas, a China adota estratégias “mais do que o mercado”, caminhando para o controle prático dos recursos no Brasil, Argentina e Paraguai. Já McKay et al. (2017)

sugerem que as relações econômicas e políticas entre a China e países como Argentina e Brasil estão substituindo o anterior “Consenso de Washington” por um novo “Consenso de Pequim” de controle de recursos. Giraudo (2019), por sua vez, alerta que a crescente presença chinesa nos complexos soja brasileiro e argentino reproduz uma satelitização do tipo Norte-Sul e aprofunda uma situação de dependência na América do Sul, limitando a capacidade de desenvolvimento autônomo da região.

Todos atribuem destaque ao papel da COFCO (China Oil and Foodstuffs Corporation), estatal chinesa que entrou para a lista dos principais *traders* agrícolas que operam nos países do Cone Sul. Segundo Wesz Jr., Escher e Fares (2021), a empresa tem conseguido adequar as suas formas de atuação às exigências internas da China, às especificidades de cada país anfitrião, às tensões geopolíticas com os Estados Unidos da América (EUA) e ao poder corporativo dos concorrentes globais. Deste modo, a COFCO reflete a estratégia de integração bem-sucedida da economia chinesa no sistema capitalista mundial, ao mesmo tempo em que busca alcançar uma política de segurança alimentar autossuficiente, definindo seus próprios termos para o engajamento global do agronegócio.

O objetivo desse artigo é, destarte, traçar uma avaliação sintética dos resultados e perspectivas das relações agroalimentares entre Brasil e China no contexto do Cone Sul e suas implicações globais de longo alcance. Metodologicamente, o trabalho retoma e atualiza pesquisas anteriores dos autores e recorre a literatura internacional especializada, a estatísticas oficiais de China, Brasil, Paraguai, Uruguai e EUA e a outras informações relevantes.

Este artigo está organizado em quatro seções, incluindo essa Introdução. A segunda seção caracteriza a dinâmica recente do complexo soja-carne Brasil-China no contexto do Cone Sul e as reconfigurações do comércio agroalimentar global em meio às atuais tensões geopolíticas. A terceira seção examina a atuação da COFCO no mercado de soja dos países do Cone Sul e seus impactos sobre o poder corporativo global. A quarta seção conclui com breves considerações sobre o futuro das relações agroalimentares Brasil-China no Cone Sul.

A dinâmica recente do complexo soja-carne Brasil-China

A noção de complexo soja-carne Brasil-China denota a articulação dos dois países como “polos comerciais” no mercado mundial, formando um sistema agroindustrial transnacional contingencialmente integrado. A China, como “polo importador”, passa por mudanças nos hábitos alimentares e dietas de classe da sua população rumo ao aumento do consumo de proteína animal e por reestruturações na produção pecuária e nas indústrias de carnes e rações, devido à elevação da renda *per capita*, urbanização e afluência da nova classe média. E o Brasil, como “polo exportador”, experimenta a ampliação na área plantada, na quantidade produzida e nas exportações de soja em grão, devido ao impulso gerado pelo aumento da demanda chinesa e seu efeito no nível de preços sobre a expansão do agronegócio. Tal articulação via comércio bilateral, finalmente, é consolidada por meio de investimentos diretos externos de empresas chinesas apoiadas pelo estado no agronegócio brasileiro, principalmente na soja, mas também em outros setores (terras, insumos, açúcar, tabaco, celulose etc.), bem como nas infraestruturas relacionadas (ESCHER; WILKINSON, 2019).

O mercado de soja é o maior e mais concentrado segmento do comércio agrícola global (GALE; VALDES; ASH, 2019). A dinâmica do comércio mundial de soja experimentou mudanças radicais por meio de rearranjos regionais nas últimas duas décadas. Na medida em que a América do Sul ultrapassou a América do Norte na produção total de soja, os seus fluxos de exportação e importação deslocaram-se acentuadamente na direção América do Sul-China. A Tabela 1 atesta que quase 45% de toda a soja produzida no mundo é negociada internacionalmente. E a Figura 1 demonstra que a China substituiu a União Europeia (UE) como o maior importador mundial de soja, respondendo por mais de 60% das compras totais. Nesse movimento, o Brasil superou a liderança dos EUA tanto nas exportações de soja em 2011 quanto na produção em 2016. Desde 2018, o Brasil responde por quase metade das exportações mundiais, enquanto os EUA respondem por menos de um terço. O restante é fornecido principalmente pelos demais países do Cone Sul, especialmente a Argentina, além de pequenas frações supridas por países como Canadá, Ucrânia e Rússia, entre outros.

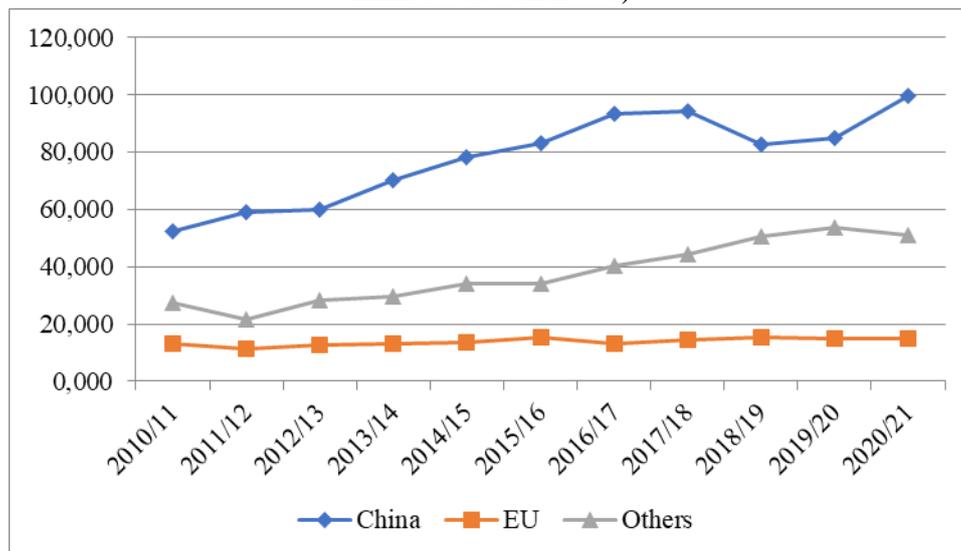
Tabela 1: Principais produtores e exportadores mundiais de soja entre 2010/11 e 2020/21 (em milhões de toneladas)

| Ano | Mundo (milhões de ton.) | | EUA (%) | | Brasil (%) | | Argentina (%) | | Paraguai (%) | | Uruguai (%) | | Outros (%) | |
|---------|----------------------------|---------|------------|------|---------------|------|------------------|------|-----------------|------|----------------|------|---------------|------|
| | Prod. | Exp. | Prod. | Exp. | Prod. | Exp. | Prod. | Exp. | Prod. | Exp. | Prod. | Exp. | Prod. | Exp. |
| 2010/11 | 264,180 | 92,420 | 34,3 | 44,3 | 28,5 | 36,6 | 18,5 | 11,2 | 2,7 | 5,7 | 0,7 | 2,0 | 15,2 | 0,3 |
| 2011/12 | 240,427 | 92,186 | 35,1 | 40,3 | 27,7 | 34,6 | 16,7 | 6,6 | 1,7 | 3,9 | 1,1 | 2,8 | 17,8 | 11,7 |
| 2012/13 | 268,824 | 100,802 | 30,8 | 35,8 | 30,5 | 42,5 | 18,3 | 7,8 | 3,1 | 5,5 | 1,4 | 3,5 | 16,0 | 4,9 |
| 2013/14 | 283,115 | 112,769 | 32,3 | 39,5 | 30,6 | 40,6 | 18,9 | 6,6 | 2,9 | 4,3 | 1,1 | 2,8 | 14,2 | 6,2 |
| 2014/15 | 319,001 | 125,962 | 33,5 | 39,8 | 30,5 | 43,4 | 19,3 | 9,3 | 2,6 | 3,6 | 1,0 | 2,5 | 13,2 | 1,5 |
| 2015/16 | 315,897 | 132,232 | 33,8 | 40,0 | 30,5 | 39,4 | 18,6 | 6,8 | 2,8 | 3,8 | 0,7 | 1,6 | 13,5 | 8,4 |
| 2016/17 | 348,298 | 146,933 | 33,6 | 40,1 | 32,9 | 46,8 | 15,8 | 4,9 | 2,6 | 3,7 | 0,9 | 2,2 | 14,2 | 2,2 |
| 2017/18 | 341,744 | 153,076 | 35,1 | 37,9 | 35,7 | 54,7 | 11,1 | 2,5 | 3,1 | 3,9 | 0,4 | 0,8 | 14,7 | 0,1 |
| 2018/19 | 361,318 | 145,789 | 33,4 | 32,7 | 33,1 | 51,4 | 16,2 | 6,2 | 2,4 | 3,4 | 0,8 | 1,9 | 14,2 | 4,4 |
| 2019/20 | 339,877 | 165,044 | 28,4 | 27,7 | 37,8 | 55,8 | 13,5 | 6,1 | 3,0 | 4,0 | 0,6 | 1,2 | 16,6 | 5,3 |
| 2020/21 | 366,231 | 165,614 | 31,3 | 37,1 | 37,7 | 49,3 | 13,6 | 3,1 | 2,7 | 3,8 | 0,6 | 1,3 | 14,1 | 5,3 |

Fonte: USDA (2022).

Elaboração: os autores.

Figura 1: Principais importadores mundiais de soja entre 2010/11 e 2020/21 (em milhões de toneladas)



Fonte: USDA (2022).

Elaboração: os autores.

O fator propulsor dessa notável reconfiguração deve ser buscado principalmente nas mudanças internas ao próprio sistema agroalimentar chinês. Como já mencionado, o aumento da renda e a rápida urbanização estão impulsionando mudanças estruturais nos padrões de consumo de alimentos chineses, que estaria passando de uma proporção de 8:1:1 de grãos e óleos: frutas e vegetais: carne, peixe, ovos e leite para uma proporção de 4:3:3 (HUANG, 2016). No cerne desse processo está a “carnificação” das dietas

chinesas, mais pronunciada entre as classes alta e média, mas também visível entre os trabalhadores e camponeses (SCHNEIDER, 2014). O consumo médio de carne na China, de acordo com OECD-FAO (2022), aumentou de apenas 16 kg per capita (excluindo peixes e frutos do mar) em 1990 para 49 kg em 2018. A carne suína simboliza essa mudança na dieta: de 15 kg em 1990 chegou a 31 kg per capita em 2018. Ao mesmo tempo, a produção pecuária da China passou por uma especialização e expansão em escala industrial, na forma de “operações concentradas de alimentação animal”, através de sistemas de integração dos pequenos e médios produtores, bem como de grandes produtores empresariais, a corporações do agronegócio (SCHNEIDER, 2017). Em 2016, as chamadas “empresas cabeça de dragão” (DHEs, sigla em inglês) integravam cerca de 70% das operações na produção pecuária (suínos e frangos). Mais de 50% da ração que alimenta esses animais na China também é produzida por DHEs (WESZ JR.; FARES; ESCHER, 2021).

Tais mudanças seriam impossíveis sem a massiva importação de soja, ingrediente básico na fabricação de ração animal. Em 1996, o governo chinês reduziu temporariamente a tarifa para importação de soja de 114% para 3%. Quando a China aderiu à Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, a liberalização das importações de soja tornou-se permanente, enquanto arroz, trigo e milho – as três “culturas estratégicas” que estão na base da política de segurança alimentar chinesa – são mantidos sob a “linha vermelha” para a segurança de grãos: 95% do consumo total deve ser produzido internamente. A conversão da soja de cultivo alimentar para ração animal e sua liberalização permitiram que o governo chinês sustentasse a narrativa política oficial que iguala “segurança alimentar” (*shipin fangyu anquan*) com “autossuficiência de grãos” (*liangshi anquan*), declarando que a China alimenta quase 20% da população mundial com apenas 9% das terras aráveis e 7% da água do planeta (SCHNEIDER, 2014).

A guerra comercial EUA-China vem reconfigurando ainda mais o mercado mundial de soja. Depois que os EUA anunciaram uma segunda rodada de tarifas em junho de 2018, a China impôs um conjunto de contra tarifas de 25%, visando impactar principalmente a soja norte-americana (COWLEY, 2020). O surto da Peste Suína Africana na China, em agosto de 2018, também gerou impactos. Cerca de 32% do rebanho de porcos do país teve que ser sacrificado para impedir a propagação da doença. O nível de preços dos alimentos ao consumidor subiu de 0,7% em fevereiro de

2019 para 22% em fevereiro de 2020, puxado principalmente pelo preço da carne suína, que aumentou 154% nesse período (CHEN; XIONG; ZHANG, 2020). Com a queda na oferta doméstica, a China se tornou o maior importador de carnes do mundo. Conforme a Tabela 2, já em 2010 era possível observar uma pequena brecha entre a produção doméstica e consumo total de carne de porco. A partir de 2018, esse desbalanço só fez crescer, com cerca de 4% do consumo sendo atendido por importações em 2020, proveniente principalmente da Espanha e dos próprios EUA, seguidos por Brasil e Dinamarca. Para compensar, China precisou igualmente recorrer a importações de carnes substitutas: o consumo de frango, em 2020, superou em 17% a produção doméstica; e o consumo crescente de carne bovina, que ultrapassou a produção interna já em 2012, chegou a ser 41% maior do que a produção nacional em 2020. Novamente aqui o Brasil aproveitou a oportunidade, surgindo como primeiro fornecedor de carne bovina da China, seguido por Argentina, Austrália, Nova Zelândia, Uruguai e, só então, os EUA (GACC, 2022).

Tabela 2: Produção e consumo de carnes na China entre 2010 e 2020 (em milhões de toneladas)

| Ano | Porco | | Frango | | Bovina | |
|------|----------|---------|----------|---------|----------|---------|
| | Produção | Consumo | Produção | Consumo | Produção | Consumo |
| 2010 | 50,712 | 50,799 | 12,550 | 12,457 | 6,531 | 6,520 |
| 2011 | 50,604 | 51,108 | 13,200 | 13,016 | 6,475 | 6,449 |
| 2012 | 53,427 | 53,922 | 13,700 | 13,543 | 6,623 | 6,667 |
| 2013 | 54,930 | 55,456 | 13,350 | 13,174 | 6,730 | 7,112 |
| 2014 | 56,710 | 57,194 | 13,156 | 12,986 | 6,890 | 7,277 |
| 2015 | 56,454 | 57,252 | 13,561 | 13,428 | 6,169 | 6,808 |
| 2016 | 54,255 | 56,086 | 12,448 | 12,492 | 6,169 | 6,873 |
| 2017 | 54,518 | 55,812 | 11,600 | 11,475 | 6,346 | 7,237 |
| 2018 | 54,040 | 55,295 | 11,700 | 11,595 | 6,440 | 7,808 |
| 2019 | 42,550 | 44,866 | 13,800 | 13,952 | 6,670 | 8,826 |
| 2020 | 36,340 | 41,521 | 14,600 | 15,211 | 6,720 | 9,486 |

Fonte: USDA (2022).

Elaboração: os autores.

Esses fatores contribuíram para substituir de maneira ainda mais profunda os EUA pelo Brasil como principal fonte de fornecimento de soja (Tabela 3). De 2017 para 2018, enquanto as importações chinesas de soja dos EUA caíram cerca de 50%, suas importações do Brasil aumentaram quase 40%. Nesse processo, as exportações brasileiras chegaram a ser quatro vezes superiores às exportações americanas em 2018 e ainda são mais do que o dobro em 2020. Por um lado, o fato de a vigência da Fase Um

do Acordo Comercial EUA-China ter afetado positivamente os EUA, mas não ter impacto negativo tão claro sobre o Brasil, indica que essa nova estrutura do comércio agrícola mundial deve ser permanente. Por outro lado, a pandemia de Covid-19, estritamente falando, não parece ter impactado a demanda chinesa por soja de modo muito significativo – embora tenha impactado as exportações brasileiras de carne para a China, que foram suspensas entre setembro e dezembro de 2021.

Tabela 3: Importações de soja da China por país, 2010-2020 (bilhões de US\$)

| Ano | Mundo (Total) | EUA (%) | Brasil (%) | Argentina (%) | Outros (%) |
|------|------------------|------------|---------------|------------------|---------------|
| 2010 | 25,093 | 45,1 | 32,5 | 19,8 | 2,5 |
| 2011 | 29,726 | 42,3 | 39,7 | 14,6 | 3,5 |
| 2012 | 34,976 | 44,0 | 40,8 | 10,5 | 4,7 |
| 2013 | 38,009 | 35,0 | 50,4 | 9,6 | 5,0 |
| 2014 | 40,261 | 40,6 | 46,5 | 8,4 | 4,6 |
| 2015 | 34,790 | 35,7 | 48,5 | 11,3 | 4,5 |
| 2016 | 33,981 | 40,5 | 45,8 | 9,5 | 4,2 |
| 2017 | 39,638 | 35,2 | 52,8 | 6,8 | 5,3 |
| 2018 | 38,077 | 18,5 | 75,7 | 1,6 | 4,1 |
| 2019 | 35,340 | 18,9 | 65,1 | 10,1 | 5,9 |
| 2020 | 38,812 | 27,4 | 64,2 | 5,6 | 2,8 |

Fonte: GACC (2022).

Elaboração: os autores.

Para o Brasil, porém, essa mudança no comércio global de *commodities* centrada no complexo soja vem sendo acompanhada por um processo de “rebaixamento”, com a China demandando basicamente matérias-primas (soja *in natura*), enquanto a Europa demandava produtos com níveis mais elevados de valor agregado (óleo e farelo de soja) (Tabela 4). Claro que esse rebaixamento no perfil de exportação brasileiro não é “culpa” da China. É resultado, principalmente, da Lei Kandir, instituída em 1996, que eliminou o imposto de exportação de *commodities* primárias. O motivo então foi uma preocupação macroeconômica em promover as exportações para melhorar o balanço de pagamentos em moeda forte, ao invés de uma estratégia setorial (LEMOS et al., 2017). Mas no contexto do *boom* das *commodities*, acabou contribuindo fortemente para o processo de “reprimarização” da estrutura produtiva e da pauta exportadora do Brasil (ESCHER; SCHNEIDER; YE, 2018; WESZ JR.; ESCHER; FARES, 2021).

Tabela 4: Exportações brasileiras do complexo soja, por país e por produto, 1997-2020 (bilhões de US\$)

| Ano | Total | China (%) | UE (%) | Outros (%) | Grãos (%) | Farelo (%) | Óleo (%) |
|------|--------|-----------|--------|------------|-----------|------------|----------|
| 1997 | 5,562 | 11,1 | 66,6 | 22,4 | 41,1 | 48,2 | 10,7 |
| 1998 | 4,728 | 11,2 | 61,1 | 27,6 | 45,5 | 36,9 | 17,6 |
| 1999 | 3,757 | 4,6 | 64,9 | 30,5 | 41,8 | 40,0 | 18,3 |
| 2000 | 4,188 | 8,9 | 65,6 | 25,6 | 52,2 | 39,3 | 8,6 |
| 2001 | 5,290 | 10,3 | 66,4 | 23,3 | 51,4 | 39,0 | 9,6 |
| 2002 | 6,003 | 15,8 | 57,6 | 26,6 | 50,4 | 36,6 | 12,9 |
| 2003 | 8,118 | 19,5 | 52,8 | 27,7 | 52,8 | 32,1 | 15,2 |
| 2004 | 10,011 | 21,1 | 50,7 | 28,2 | 53,6 | 32,6 | 13,8 |
| 2005 | 9,433 | 19,9 | 50,6 | 29,5 | 56,3 | 30,3 | 13,4 |
| 2006 | 9,288 | 27,5 | 46,9 | 25,6 | 60,8 | 26,0 | 13,2 |
| 2007 | 11,355 | 27,8 | 46,0 | 26,2 | 58,8 | 26,1 | 15,1 |
| 2008 | 17,976 | 34,3 | 43,8 | 21,9 | 60,9 | 24,3 | 14,9 |
| 2009 | 17,236 | 39,5 | 40,1 | 20,4 | 66,2 | 26,6 | 7,1 |
| 2010 | 17,106 | 46,3 | 33,4 | 20,3 | 64,5 | 27,6 | 7,9 |
| 2011 | 24,124 | 48,6 | 28,8 | 22,7 | 67,6 | 23,6 | 8,8 |
| 2012 | 26,107 | 49,6 | 29,3 | 21,1 | 66,8 | 25,3 | 7,9 |
| 2013 | 30,960 | 57,2 | 24,0 | 18,8 | 73,7 | 21,9 | 4,4 |
| 2014 | 31,403 | 54,0 | 24,4 | 21,6 | 74,1 | 22,3 | 3,6 |
| 2015 | 27,956 | 57,0 | 19,7 | 23,3 | 75,1 | 20,8 | 4,1 |
| 2016 | 25,418 | 57,3 | 19,3 | 23,4 | 76,0 | 20,4 | 3,5 |
| 2017 | 31,716 | 64,8 | 14,6 | 20,6 | 81,1 | 15,7 | 3,3 |
| 2018 | 40,696 | 67,3 | 13,2 | 19,4 | 81,2 | 16,3 | 2,5 |
| 2019 | 32,621 | 63,1 | 15,5 | 21,3 | 79,9 | 17,9 | 2,1 |
| 2020 | 35,240 | 59,7 | 16,4 | 23,9 | 81,1 | 16,8 | 2,2 |

Fonte: MAPA (2022).

Elaboração: os autores.

A instabilidade da política brasileira também trouxe incertezas sobre a atual dinâmica comercial com a China. O aumento do desmatamento e das queimadas nos biomas Amazônia, Cerrado e Pantanal, coincidindo com o desmonte das instituições ambientais pelo governo Bolsonaro, colocam os interesses dos produtores de soja e do agronegócio brasileiros em uma posição difícil vis-à-vis o mercado europeu (RAJÃO et al., 2020). E as sucessivas tensões diplomáticas com a China causadas por declarações hostis do filho do presidente, o deputado Eduardo Bolsonaro, e de seus ex-ministros Abraham Weintraub e Ernesto Araújo, criaram constrangimento para líderes do agronegócio brasileiro, a maioria deles aliados de primeira hora de Bolsonaro, desde a sua campanha eleitoral (IBAÑEZ, 2020).

Em meio à guerra comercial com os EUA e às tensões diplomáticas com o Brasil, é sintomático que a China busque diminuir a dependência desses países para o fornecimento de soja. Em um amplo levantamento em documentos governamentais e na

imprensa chinesa e internacional, pesquisas recentes (WESZ JR.; ESCHER; FARES, 2021; WILKINSON; GARCIA; ESCHER, 2022; WILKINSON, 2022) identificaram múltiplas estratégias através das quais a China procura modificar sua estrutura interna de oferta e demanda, cultivar novos fornecedores, diversificar fontes de importação e aumentar seu poder no mercado mundial. A China tem estabelecido projetos de investimento e cooperação agrícola, facilitado regulações e anunciado acordos para promover a produção e a exportação de soja com diversos países, entre eles, Rússia, Ucrânia, Cazaquistão, Argentina e Tanzânia. O Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais (MARA) lançou o Plano de Revitalização da Soja, que promove diversas técnicas de melhoramento e cultivo de alta qualidade, incluindo pesquisas com sementes transgênicas, visando ampliar a área plantada e aumentar a produtividade, no intuito de elevar a produção nacional em 22,7% nos próximos dez anos. O MARA aprovou novos padrões reduzindo os níveis de proteína bruta na fabricação de ração para aves e suínos. Pesquisadores chineses anunciaram ter encontrado uma maneira de produzir proteína para ração animal a partir do monóxido de carbono. O governo lançou planos com os objetivos de diminuir o consumo de carne e de reduzir o desperdício de alimentos no país. E há perspectivas positivas em relação ao crescimento do consumo de carnes vegetais no mercado chinês. Levando em conta essas medidas, os setores brasileiros de soja e proteína animal estão em uma situação menos certa e gloriosa do que a maioria dos especialistas do agronegócio costumam prever. Além disso, ao lado dessas medidas “indiretas”, a China tem igualmente perseguido estratégias assertivas, mas flexíveis, visando aumentar o controle “direto” do complexo soja a partir dos principais territórios produtores, como o Brasil e os demais países do Cone Sul, sendo a COFCO o principal exemplo nesta direção.

A atuação da COFCO no mercado de soja do Cone Sul

Os países do Cone Sul (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) se consolidaram como a principal região global de produção e exportação de soja. Frente a isso, e em meio ao processo de liberalização econômica e globalização dos mercados, houve forte concentração e transnacionalização das empresas do setor de grãos na região após 1990, cuja liderança estava nas firmas Archer Daniels Midland (ADM), Bunge, Cargill e Dreyfus, popularmente conhecidas como ABCD. Não obstante, também ocorreu o

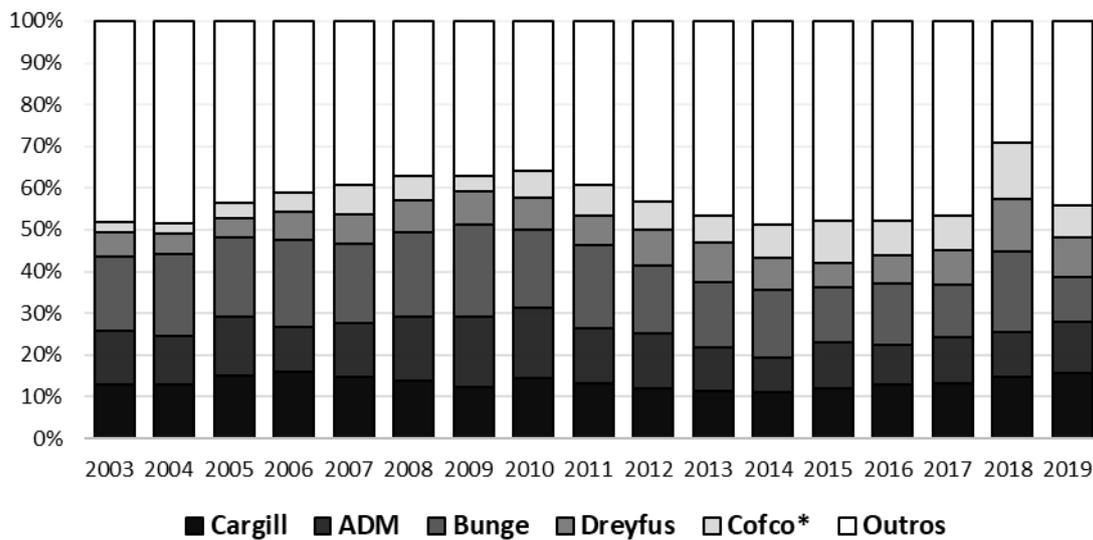
estabelecimento e o fortalecimento de outras corporações de menor porte, como Noble e Nidera (WESZ JR. 2016).

Tanto Nidera como Noble, ao longo dos anos, foram se estabelecendo com empresas relevantes no mercado da soja regional, com importantes investimentos em portos, silos, agroindústrias, etc. Foram investimentos estratégicos, localizados nas principais zonas de produção (cerrado brasileiro, pampa argentino, oriente paraguaio e litoral uruguaio) e nos principais canais de escoamento das safras (Rosário, Santa Fé e Buenos Aires, na Argentina; Nueva Palmira no Uruguai; Villeta e Encarnación no Paraguai; Rio Grande, Santos e São Luiz no Brasil). Vale pontuar que Noble e Nidera tinham uma verticalização quase completa na cadeia produtiva de grãos, dado que as firmas atuavam no segmento de sementes, fertilizantes, financiamento, assistência técnica, armazenagem, processamento, transporte, comercialização para o mercado interno e externo (WILKINSON; WESZ JR.; LOPANE, 2016).

Em 2014, a COFCO¹ adquiriu Noble e Nidera, o que permitiu que a empresa se estabelecesse no Cone Sul de maneira rápida e com grandes dimensões, contando com um portfólio diversificado de produtos, que inclui grãos (soja, milho, trigo, girassol, etc.), açúcar, cacau, algodão, café e bioenergia. Em relação ao mercado de soja em grão, principal segmento da COFCO no Cone Sul, já entra controlado 6,4% das exportações, fruto das vendas que Noble e Nidera haviam feito em 2013 (4,2 milhões de toneladas), estando na 5ª posição, atrás de Bunge (15,5%), Cargill (11,5%), ADM (10,3%) e Dreyfus (9,6%) (Figura 2).

¹ Para maior detalhamento sobre a trajetória da empresa estatal COFCO, ver Wesz Jr., Fares e Escher (2021).

Figura 2: Market share das exportações de soja em grão no Cone Sul²



* Até 2013, Noble e Nidera; 2014 em diante, COFCO.

Fontes: MAGYP (2020), Aduanas (2020), Capeco (2020), Trase (2020), Reuters (2020), UruguayXXI (2020).

Entretanto, cada país apresentava uma situação diferente. Sem dúvidas era na Argentina que Noble e Nidera possuíam uma atuação mais significativa. Somando os valores destas duas empresas, elas eram responsáveis por 12,8% da capacidade instalada de esmagamento no início de 2014 – esse valor é bastante expressivo se considerar que o país é líder nas exportações mundiais de óleo e farelo. Além disso, Noble e Nidera respondiam, conjuntamente, pelas exportações de 12% do farelo, 15% do óleo e 15% de soja em grão em 2013 (MAGYP, 2020). No Brasil, COFCO se estabelece na quinta posição (6,1% do market share da soja exportada em grão), atrás de ABCD e um pouco acima da nacional Amaggi (TRASE, 2020). E sua capacidade instalada de esmagamento no início de 2014 era de 5.200 ton/dia (2,9% da estrutura nacional), com as indústrias de Rondonópolis/MT (Noble) e Cambé/PR (Nidera) (ABIOVE, 2020). No Paraguai atuava exclusivamente na exportação do grão, ocupando a 3ª posição, com 11% do mercado, atrás de Cargill e ADM (ADUANA, 2020). No Uruguai era onde havia menor relevância, com 1,9% do market share e na 10ª posição entre os exportadores de soja em 2013 (URUGUAYXXI, 2020).

Apesar dessas disparidades no poder de mercado entre países, a COFCO adentra a principal região produtora de soja em nível global com grandes investimentos já

² É importante comentar que, enquanto que na Argentina, Paraguai e Uruguai as instituições públicas disponibilizam dados do volume das exportações por empresa, o Brasil não publiciza estas informações, sendo necessário busca-lo em fontes alternativas, como Trase e Reuters.

realizados pelas antecessoras, com importante poder de mercado e com relevante inserção nos territórios produtivos. A título de exemplo, a Noble comprava soja para exportação em 158 municípios brasileiros e a Nidera de 188 localidades em 2013 (TRASE, 2020). Este forte enraizamento foi central para que a COFCO conseguisse se estabelecer com rapidez nas áreas de produção. E, para ampliar a expertise do mercado regional e construir uma relação de confiança com os produtores e demais clientes, dado que era uma empresa nova e praticamente desconhecida até então, ela optou por manter os quadros da Noble e Nidera, além de contratar técnicos e gerentes de empresas concorrentes que atuavam nas localidades. Em 2015 ela contratou Valmor Schaffer, presidente da ADM na América do Sul, que assumiu a mesma função na COFCO. Isso também ocorreu com Hugo Acerbo, que depois de 15 anos na Cargill, passou a atuar para a COFCO na Argentina.

A partir de pesquisas na mídia, de 2014 a 2020 a COFCO não realizou investimentos de grande magnitude, como a construção de um novo porto ou a instalação de uma agroindústria. O que se percebe é que ela aproveitou ao máximo a estrutura já estabelecida pela Noble e Nidera, e fortaleceu alguns elos que considera estratégico. Nesse sentido, no complexo soja, o que foi divulgado foram ampliações e melhorias em termos de logística e armazenagem, além de uma melhor gestão para a redução da ociosidade dos silos e dos portos nos quatro países. Conforme o presidente da empresa para a América do Sul, a COFCO detinha, no segundo semestre de 2018, “22 silos en Brasil, 14 en Argentina y siete em Paraguay y Uruguay” (EL CRONISTA, 2018), além de dez terminais portuários nos quatro países (ATOMIC AGRO, 2018).

Também foram realizados investimentos em silos, com destaque ao Mato Grosso, ampliando a sua capacidade de armazenagem. Esta é uma estratégia usual no setor porque oportuniza uma aproximação com o produtor, para assim ampliar a sua condição de originação da produção agropecuária, reduzindo a compra e a dependência das outras *tradings* para abastecer suas fábricas na Ásia. Como afirma o presidente da empresa para a América do Sul, “precisamos ganhar escala em originação para continuar suprindo a demanda chinesa e crescendo como fornecedores dentro da nossa empresa” (BLOOMBERG, 2018). Para garantir essa oferta de soja, a empresa atua como suas principais concorrentes, oferecendo fertilizantes (marca própria, importado

da China), sementes e agroquímicos (sobretudo da Syngenta, pertencente à estatal ChemChina) e financiamento para o produtor, em troca de grão.³

Entretanto, as pesquisas de campo no Paraguai indicam que a empresa também tem comprado soja das revendas de insumos e cooperativas de produtores, ampliando o seu volume de grão. E, como disse o entrevistado da Central Nacional de Cooperativas do Paraguai (Unicoop), a opção por comprar a soja da cooperativa no porto, é interessante para a empresa porque não tem riscos de quebra de safra, inadimplência do produtor, etc. Conforme o entrevistado, “esse risco fica com a cooperativa, e por isso a transnacional pode pagar um pouco mais por essa soja”. Nesse sentido, COFCO tem construído estratégias tanto para adquirir o grão diretamente do produtor como de outras empresas menores no local de cultivo ou nos portos.

Em relação à estrutura portuária, o presidente da COFCO no Brasil comentou que “houve muito ganho de eficiência, e atualmente há capacidades ociosa em portos como Santos (SP), Paranaguá (PR), São Francisco do Sul (SC) e Tubarão (SC), entre outros. Rio Grande (RS) é uma exceção, mas a situação está bem melhor” (BIODIESELBR, 2019). A empresa afirmou que não tem planos de construir portos no Arco Norte, pois tem “um contrato logístico de longo prazo no Norte, principalmente com a Hidrovias do Brasil. Esses contratos nos tiram a necessidade de fazer grandes investimentos naquela região. A gente pensa mais em investir nas áreas tradicionais, de Santos para baixo” (ESTADÃO, 2009). Também houveram comentários de que COFCO teria interesse em investir em ferrovias no Brasil (como Ferrogrão e na Ferrovia do Cerrado), sobretudo nas áreas de produção de soja, que tem na logística um dos seus principais problemas. Na Argentina também ocorreu investimentos logísticos como a duplicação da capacidade operativa no porto de Rosário.

Por outro lado, COFCO paralisou novos investimentos agroindustriais na região, a exemplo da não construção da indústria de processamento de soja em Villeta no Paraguai e de Canoas no Brasil, que estavam nos planos de Noble e Nidera, respectivamente. Além disso, paralisou em 2017 a unidade que esmagava soja em Cambe, no Brasil, e a sua capacidade instalada caiu para 2,1% no país em 2020,

³ Uma novidade neste formato é atrelar o financiamento ao produtor com metas de sustentabilidade. Em julho de 2019 a COFCO anunciou “um empréstimo vinculado à sustentabilidade de US\$ 2,3 bilhões em julho de 2019, que foi o maior para um comerciante de commodities.” Em 2021 assinou um novo acordo com sete bancos para um empréstimo de US\$ 700 milhões vinculado a metas de sustentabilidade, sendo que “os credores vão oferecer taxas de juros mais baixas para a COFCO considerando metas como a rastreabilidade socioambiental de seus suprimentos de soja no Brasil” (Forbes, 2021).

considerando apenas a fábrica de Rondonópolis/MT (ABIOVE, 2020). Na Argentina, ainda que ela mantenha as três fábricas azeiteiras em funcionamento (em Junín, Pto. San Martín e Timbues), com 9,8% da capacidade nacional, foi encerrada a produção de óleos refinados de Valentín Alsina, na Argentina, perdendo 10,1% da capacidade que detinha neste subproduto (CIARA, 2020). Portanto, a COFCO optou por enxugar e concentrar sua capacidade de processamento naquelas unidades mais rentáveis.

Em suma, a COFCO fortalece sua atuação no comércio *in natura* da soja, ainda que sem eliminar por completo o processamento em unidades que seguem oferecendo viabilidade econômica. Em nível de Cone Sul, a COFCO ampliou de maneira muito significativa o *market share* das exportações de soja em grão. Dos 6,4% deste mercado, quando ainda eram Nidera e Noble, a sua participação foi ampliada ano a ano, mais do que dobrando o seu poder de mercado em 2018 (13,3%). Em termos de volume, eram exportados 4,7 milhões de toneladas em 2013 e alcançou 12,7 milhões de toneladas em 2018 (variação de 167%). Não resta dúvida sobre a consolidação das operações da COFCO no Cone Sul, alcançando a 3ª posição nas exportações de soja em 2018, atrás apenas de Bunge (19,0%) e da Cargill (14,6%), mas a frente da Dreyfus (12,5%) e ADM (10,7%) (Figura 2).

Entretanto, em 2019 houve uma redução importante do volume exportado pela COFCO, que deriva principalmente pela retomada das negociações entre China e Estados Unidos e pela peste suína, que afetou a demanda do grão. Estes eventos também impactaram as demais empresas no Brasil e todos os países da região que exportam para a China. Entretanto, a redução nas exportações ocorreu principalmente com a COFCO no Brasil, que passou a priorizar a aquisição do grão nos EUA. A empresa exportou 10,96 milhões de toneladas em 2018 e, no ano seguinte, esse valor ficou em apenas 3,7 milhões de toneladas (5,1% do *market share*, na 7ª posição), o menor valor desde 2013, quando ainda eram Noble e Nidera (TRASE, 2020; REUTERS, 2020). Contudo, nos outros países do Cone Sul o resultado foi muito positivo em 2019 e a redução no *market share* da COFCO nas exportações de soja em grão no Cone Sul (Figura 2) deve-se a queda nos volumes enviados desde o Brasil.

Na Argentina a COFCO vem tendo um ótimo desempenho. Em 2017, 2018 e 2019 assumiu a liderança nas exportações de produtos agropecuários do país, que inclui o volume enviado ao exterior de cereais (cevada, milho, trigo e sorgo), oleaginosas (soja e girassol), óleos e subprodutos (de soja e girassol), desbancando as tradicionais

concorrentes, como Cargill, Bunge, ADM e Dreyfus, além das argentinas Vicentin e Aceitera General Deheza (AGD). Em 2019, COFCO foi a maior exportadora de trigo na Argentina (21,7% do total) e a segunda de soja (18,1%) e milho (16,9%), atrás da ADM⁴. Também tem participação relevante nas exportações de óleo de girassol (18,1%), farelo de girassol (16,2%), óleo de soja (8,6%), farelo de soja (6,5%) e cevada (5,2%) (MAGYP, 2020).

No Paraguai a COFCO tem liderado as exportações de soja em grão desde 2016. Em 2019 chegou a exportar 19% de toda a soja enviada ao exterior, superando a russa Sodrugestvo (17%) e as americanas ADM (13%), Cargill (12%) e Bunge (5%), além da francesa Dreyfus (6%). A COFCO tem uma atuação baixa com milho (2% das exportações de 2019) e trigo (nem aparece entre as principais empresas), que são prioritariamente para o mercado brasileiro (CAPECO, 2020). Mesmo atuando quase que exclusivamente com a soja *in natura*, a COFCO tem estado entre as seis maiores empresas exportadoras do país desde 2014, ocupando a 4ª posição em 2019, respondendo com 4,1% das exportações totais (ADUANA, 2020).⁵

No Uruguai, a COFCO alcançou o maior volume de soja exportado justamente em 2019, com quase 500 mil toneladas, ficando na 2ª posição (com 15,7% do total), atrás apenas da Cargill (com 24,6%) e a frente de uruguaia Barraca Jorge W Erro (15,5%), Dreyfus (14,7%) e da americana CHS (5,4%). Vale destacar que esta foi a melhor posição já alcançada pela COFCO no país. Nas exportações totais da empresa, que é basicamente soja (92,5% das suas vendas ao exterior), o valor cresceu 120% entre 2018 e 2019, enquanto as exportações totais do Uruguai ampliaram apenas 1,8% (URUGUAIXXI, 2020). Pela primeira vez a empresa ficou entre as 10 maiores exportadoras do país, na 10ª posição, respondendo por 2,2% das exportações totais do país.

Portanto, a COFCO se expandiu no Cone Sul e conquistou importantes posições, consolidando-se entre os principais exportadores agroalimentares, sobretudo no mercado da soja, tido como produto chave para a empresa na região. De maneira

⁴ ADM não tem indústria na Argentina e responde por 27,8% das exportações de soja e 18,2% de milho (MAGYP, 2020).

⁵ No caso do Paraguai, é interessante que o país não tem relações diplomáticas com a China, por reconhecer Taiwan. Em função disso, a COFCO exporta a soja paraguaia para suas unidades na Argentina e/ou Uruguai, e dali exporta para a China. Ainda que parte seja processada nas indústrias da empresa na Argentina, a maioria segue em grão para o país asiático, sendo esta prática uma “maquiagem” para não constar como exportação/importação direta entre Paraguai e China. Entretanto, isso é algo reconhecido por ambos os países, tanto que o próprio ministro de indústria do Paraguai comenta sobre tal prática em entrevistas (VALOR AGRO, 2018).

extremamente rápida, a COFCO consolidou-se entre as principais empresas do mercado agroalimentar no Cone Sul, enquanto suas concorrentes ABCD levaram décadas para chegar nas primeiras posições na região e, atualmente, vem perdendo espaço para a corporação estatal chinesa.

Considerações finais

Este artigo fez uma breve apresentação sobre as relações agroalimentares entre Brasil e China no contexto do Cone Sul. Uma avaliação dos resultados da dinâmica recente do complexo soja-carne Brasil-China e da atuação da COFCO no mercado de soja da região não deixa dúvidas sobre a centralidade da China no mercado mundial de produtos agrícolas e alimentares, bem como a sua importância para o agronegócio dos países do Cone Sul. No entanto, essa centralidade vai além do foco estrito na esfera do mercado. Em face aos conflitos e incertezas geopolíticas que marcam a nossa época, a China tem apostado em múltiplas estratégias para garantir seu abastecimento alimentar, as quais podem acarretar consequências inesperadas sobre a estrutura e a dinâmica do sistema agroalimentar global. No caso da soja, o papel dominante historicamente exercido pelas principais corporações transnacionais do agronegócio do Atlântico Norte, como ABCD, ao longo da última década vem perdendo espaço para a China, que aumentou o controle do complexo soja a partir da expansão e consolidação da COFCO como um *trader* global.

Embora o mercado chinês continue sendo prioridade, a COFCO comercializa *commodities* agrícolas entre os países do Cone Sul e atua em mercados em todos os continentes. Assim como seus concorrentes, a corporação mantém relações diretas com os produtores rurais das principais áreas de cultivo do Cone Sul. É importante destacar que essa forma de expansão só é possível graças ao mercado chinês, que oferece uma demanda garantida a partir da qual a COFCO pode alavancar sua atuação global, além do apoio institucional e imensa disponibilidade de recursos do Estado chinês. Por um lado, isso torna a COFCO menos dependente das operações domésticas chinesas e mais suscetível a assuntos externos, como a obrigação de comprar soja dos EUA para fins geopolíticos. Por outro lado, confere à COFCO maior capacidade de influenciar a dinâmica do mercado mundial, seja respondendo aos seus próprios interesses em

acumular e buscar lucros ou aos interesses nacionais da China em relação à segurança alimentar e compromissos ambientais (WESZ JR.; ESCHER; FARES, 2021).

Em termos de perspectivas, a expansão internacional da China muito provavelmente manterá o Cone Sul como maior fornecedor agroalimentar do mundo. Em relação ao comércio da soja, COFCO deve manter suas vendas principalmente para China, enquanto ABCD e outras empresas locais e regionais assumam outros mercados, além do próprio abastecimento doméstico e as exportações de óleo e farelo. Ao combinar uma estratégia neo-mercantilista de engajamento no agronegócio global ao mesmo tempo em que busca uma política de segurança alimentar autossuficiente, a China emprega a múltiplas estratégias a fim de reduzir sua dependência das importações agrícolas de países que lhe são claramente hostis, como os Estados Unidos, ou conjunturalmente dúbios, como o Brasil. A entrada de empresas chinesas no agronegócio brasileiro pode gerar efeitos “positivos”, como o aumento da competição e a provisão dos necessários investimentos em infraestrutura. Mas também pode gerar efeitos “negativos”, aprofundando os riscos ligados à reprimarização da estrutura produtiva e da pauta exportadora, bem como à pressão ecológica sobre os recursos naturais, advindos da expansão das áreas de soja, muitas vezes acompanhadas de desmatamento.

Outro tema que merece destaque é o fato de a China estar assumindo, cada vez mais, um conjunto de compromissos ambientais em sua agenda internacional, os quais repercutem nas próprias estratégias da COFCO, além de terem implicações para o complexo soja no Brasil e no Cone Sul. Da mesma forma, os efeitos aqui são ambíguos, principalmente em relação às exportações e ao meio ambiente. É preciso ter clareza, porém, que o futuro do Brasil depende menos dos posicionamentos da China do que das próprias decisões brasileiras. O agronegócio brasileiro é competitivo em escala global, mas seu poder político é desproporcional e disfuncional, e seu poder econômico ocasiona graves problemas sociais, ambientais e de saúde – basta pensar no trágico aumento da insegurança alimentar em meio à recorde nas exportações de *commodities*. Neste sentido, qualquer perspectiva de retomada de um projeto nacional de desenvolvimento no Brasil precisará superar a visão do rural como um mero espaço de (agro)negócios, mesmo que estes pareçam ser “negócios da China”.

REFERÊNCIAS

- ABIOVE - Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais. **Estatística**. 2020. Disponível em: <https://abiove.org.br/estatisticas/> Acesso: 18 jan. 2022.
- ATOMIC AGRO. **La soja paraguaya sigue saliendo hacia el mercado chino**. 2018. Disponível em: <http://www.valoragro.com.py/mercados/la-soja-paraguaya-sigue-saliendo-hacia-el-mercado-chino/> Acesso: 15 jan. 2022.
- BIODIESELBR. **Cofco investe em silos e logística e vê avanço na área de grãos no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.biodieselbr.com/noticias/usinas/info/cofco-investe-em-silos-e-logistica-e-ve-avanco-na-area-de-graos-no-brasil-070619> Acesso: 15 jan. 2022.
- BLOOMBERG. **Chinesa Cofco supera rivais e mira aquisições por soja do Brasil**. 2018. Disponível em: <https://www.bloomberg.com.br/blog/chinesa-cofco-superar-rivais-e-mira-aquisicoes-por-soja-brasil/> Acesso: 15 jan. 2022.
- CAPECO - Cámara Paraguaya de Exportadores y Comercializadores de Cereales y Oleaginosas. **Noticias**. 2020. Disponível em: <http://capeco.org.py/noticias/> Acesso: 15 jan. 2022.
- CHEN, C., T. XIONG, W. ZHANG. Large hog companies gain from China's ongoing African Swine Fever. **Agricultural Policy Review**, 2, p. 7-15, 2020.
- CIARA - Cámara de la Industria Aceitera de la República Argentina. **Estadísticas**. 2020. Disponível em: <https://www.ciaracec.com.ar/ciara/Estad%C3%ADsticas/Exportaci%C3%B3n%20por%20empresa> Acesso: 13 jan. 2022.
- COWLEY, C. Reshuffling in soybean markets following Chinese tariffs. **Economic Review**, 105(1), p. 57-82, 2020.
- DNA - Dirección Nacional de Aduanas. **Informes Estadísticos**. 2020. Disponível em: <https://www.aduana.gov.py/105-1-informes-estadisticos.html> Acesso: 10 jan. 2022.
- EL CRONISTA. **La comercializadora agrícola COFCO busca crecer en Latinoamérica**. 2018. Disponível em: <https://www.cronista.com/financialtimes/La-comercializadora-agricola-COFCO-busca-crecer-en-Latinoamerica-20181022-0061.html> Acesso: 12 jan. 2022.
- ELLNER, S. (ed). Pink-tide governments: Pragmatic and populist responses to challenges from the right. **Latin American Perspectives**, 46 (1) (special issue), 2019.
- ESCHER, F.; SCHNEIDER, S.; YE, J. The agrifood question and rural development dynamics in Brazil and China: towards a protective 'countermovement'. **Globalizations**, 15(1), p. 92-113, 2018.
- ESCHER, F.; WILKINSON, J. A Economia Política do Complexo Soja-carne Brasil-China. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, 57 (4), p. 656-678, 2019.

ESTADÃO. **Recuperação judicial de produtor pode tirar o apetite das tradings em financiar o setor.** 2019. Disponível em: <https://especiais.estadao.com.br/canal-agro/entrevistas/recuperacao-judicial-de-produtor-pode-tirar-o-apetite-das-tradings-em-financiar-o-setor/> Acesso: 14 jan. 2022.

FORBES. **Cofco vincula metas de sustentabilidade a crédito de US\$ 700 milhões.** 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/09/cofco-vincula-metas-de-sustentabilidade-a-credito-de-us-700-milhoes/> Acesso: 12 mar. 2022.

GACC - General Administration of Customs People's Republic of China. **Statistics.** 2022. Disponível em: <http://english.customs.gov.cn/> Acesso: 15 jan. 2022.

GALE, F. C.; VALDES, M. A. **Interdependence of China, United States, and Brazil.** OCS-19F-01. Washington: USDA Economic Research Service, 2019.

GIRAUDO, M. E. Dependent development in South America: China and the soybean nexus. **Journal of Agrarian change**, 20(1), p. 60-78, 2020.

HUANG, P. C. C. The three models of China's agricultural development: Strengths and weaknesses of the administrative, laissez faire, and co-op approaches. **Rural China**, 14 (2), p. 488-527, 2016.

IBAÑEZ, P. Geopolítica e diplomacia em tempos de COVID-19: Brasil e China no limiar de um contencioso. *Espaço e Economia*, 18, p. 1-22, 2020.

LEMONS, M. L.; GUIMARÃES, D. D.; MAIA, G. B. S.; AMARAL, G. F. **Agregação de valor na cadeia da soja.** BNDES Setorial 46, 2017.

MAGYP - Ministerio de Agricultura, Ganadería y Pesca. Exportaciones. 2020. Disponível em: https://www.magyp.gob.ar/sitio/areas/ss_mercados_agropecuarios/exportaciones/ Acesso: 18 jan. 2022.

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Agrostat.** 2022. Disponível em: <http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm> Acesso: 20 jan. 2022.

MCKAY, B.; A. A. FRADEJAS; Z. BRENT; S. SAUER; Y. XU. China and Latin America: Towards a new consensus of resource control. **Third World Thematics**, 1(5), p. 592-611, 2017.

OECD-FAO. **Online Database.** 2022. Disponível em: <http://www.agri-outlook.org/data/> Acesso: 15 jan. 2022.

OLIVEIRA, G. L. T. **The South-south question:** Transforming Brazil-China agroindustrial partnerships. PhD Dissertation, University of California, Berkeley, 2017.

RAJÃO, R. et al. The rotten apples of Brazil's agribusiness: Brazil's inability to tackle illegal deforestation puts the future of its agribusiness at risk. **Science**, 369 (6501), p. 246-248, 2020.

REUTERS. Dreyfus e Olam têm maior salto em exportação de soja do Brasil em 2018. 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/commods-exportacao-cofco-adm-idBRKCN1GJ2JB-OBRBS> Acesso: 18 jan. 2022.

SCHNEIDER, M. Developing the meat grab. **Journal of Peasant Studies**, 41(4), p. 613-633, 2014.

SCHNEIDER, M. Dragon head enterprises and the State of agribusiness in China. **Journal of Agrarian Change**, 17 (1), p. 3-21, 2017.

TRASE. **Supply chains**. 2020. Disponível em: <https://supplychains.trase.earth/> Acesso: 16 mar. 2022.

URUGUAYXXI. **Exportaciones por empresa**. 2020. Disponível em: <http://aplicaciones.uruguayxxi.gub.uy/uruguayxxi/inteligencia/sie/> Acesso: 14 mar. 2022.

USDA - United States Department of Agriculture. **Agricultural Projections to 2030**. 2022. Disponível em: <https://www.ers.usda.gov/webdocs/outlooks/95912/oce-2020-1.pdf?v=3082> Acesso: 16 mar. 2022.

VALOR AGRO. **La soja paraguaya sigue saliendo hacia el mercado chino**. 2018. Disponível em: <http://www.valoragro.com.py/mercados/la-soja-paraguaya-sigue-saliendo-hacia-el-mercado-chino/> Acesso: 12 mar. 2022.

WESZ Jr., V. J. Strategies and hybrid dynamics of soy transnational companies in the Southern Cone. **Journal of Peasant Studies**, 43(2), p. 286-312, 2016.

WESZ Jr., V. J.; ESCHER, F.; FARES, T. M. Why and how is China reordering the food regime? The Brazil-China soy-meat complex and COFCO's global strategy in the Southern Cone. **Journal of Peasant Studies**, p. 1-30, 2021.

WILKINSON, J. **O Sistema agroalimentar global e brasileiro face à nova fronteira tecnológica e às novas dinâmicas geopolíticas e de demanda**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ (Saúde Amanhã: Textos para Discussão, n. 85), 2022.

WILKINSON, J.; GARCIA, A. S.; ESCHER, F. E. The Brazil-China nexus in agrofood – Trade, diplomacy, innovation, climate and food security. **International Quarterly for Asian Studies**, 53(2), p. 251-277, 2022.

WILKINSON, J.; WESZ Jr., V. J.; LOPANE, A. R. M. Brazil and China: The Agribusiness Connection in the Southern Cone Context. **Third World Thematics**, 1(5), p. 726-745, 2016.

| |
|--|
| Recebido em 27/05/2022. Aceito para publicação em 16/08/2022. |
|--|